

CAPÍTULO 5. A metodologia dos trabalhos de Manuel Heleno

“Ali sem pressas, se tem trabalhado até hoje, apesar das muitas críticas dos que apreciam escavações em quantidade e não em qualidade. Nunca nos importámos com isso e a uma alta individualidade que as visitou e nos notou que andávamos devagar, agradecemos-lhe a censura, que considerámos um elogio, e informámo-la que em nosso entender se andava depressa demais. É que nós não praticávamos a caça de objectos, com legiões de homens e mulheres a surribar e a crivar. Procurávamos sim fazer a interpretação minuciosa das camadas...”

(M. Heleno, 1966:547)

5.1. Definição da área de estudo

Os *Cadernos de Campo*, por não se destinarem directamente a ser publicados, não contêm indicações explícitas sobre muitas das opções metodológicas seguidas pelo autor, pelo que nem sempre é fácil avaliar “o pensamento do estranho personagem que foi Manuel Heleno” (Gonçalves, 1989: 73).

A definição de uma área de estudo foi um dos aspectos omissos; no entanto, a coerência espacial dos territórios onde interveio implica, certamente, uma escolha não aleatória.

É possível que essa selecção tenha tomado em consideração aspectos logísticos relacionados com a proximidade a partir de Lisboa; porém, a exclusão de áreas fortemente megalíticas (nomeadamente a de Évora ou a de Reguengos de Monsaraz), cujas acessibilidades, tendo em conta a rede viária e ferroviária da época, não eram piores do que as das áreas onde efectivamente trabalhou, exige, segundo creio, outras explicações.

A este propósito, convém recordar as inevitáveis conexões com os trabalhos de Leite de Vasconcelos e, sobretudo, de Vergílio Correia, na região; a contiguidade geográfica (que, num ou outro caso chega a ser sobreposição) entre a área de Pavia e as duas áreas em que, como veremos, se dividiu o “Projecto” de Manuel Heleno, parecem implicar uma continuidade que a ligação de ambos ao MNA e a própria cronologia das intervenções, certamente reforçam. Houve, naturalmente, também a intenção de “explorar” uma área relativamente virgem, em termos de estudos anteriores, critério que motivara igualmente Vergílio Correia na escolha do território paviense. Para além deste aspecto, Vergílio Correia assume que foi “ el acaso de una conversación con un amigo” e “la noticia de la existencia de un anta transformada en capilla” (Correia, 1921: 25).

No que diz respeito às motivações científicas de cada um, no início do respectivo projecto, podemos assumir que eram, efectivamente, bastante distintas, até porque Manuel Heleno, quando começou as primeiras escavações sistemáticas no Alentejo, fez, previamente, como seria de esperar, uma avaliação preliminar dos resultados apresentados por Vergílio Correia e, eventualmente, confrontando-os com os materiais depositados no Museu Etnológico.

Se este último foi, como se viu, atraído a Pavia por uma anta monumental – a de S. Dionísio – que, por ter sido transformada em capela, era particularmente sugestiva para alguém que, como ele, se interessava vivamente pelos aspectos etnográficos associados ao megalitismo – já Manuel Heleno partiu para o campo interessado sobretudo na questão das pequenas sepulturas e disposto a provar que Vergílio Correia se equivocara, ao considerá-las contemporâneas das antas de corredor.

Em abono desta leitura, note-se que a primeira escavação, da longa série que se seguiu, foi precisamente um monumento de planta simples, embora de dimensões superiores à média das sepulturas de Pavia, a anta da Talha 1, em Estremoz; note-se também que talvez não tenha sido aleatória a escolha de um monumento de xisto, atendendo a que todas as sepulturas megalíticas registadas por Vergílio Correia são monumentos de granito. A codificação diferenciada que Manuel Heleno atribuiu aos monumentos de Estremoz pode, efectivamente, ter tido em conta a questão da relação entre as arquitecturas e as matérias-primas, antecipando um tema que, nos últimos anos, tem estado em foco (Bueno Ramirez, 1988, 1994, 2000; Oliveira, 1995, 1998).

Por outro lado, o resultado final foi, nas palavras dos Leisner, que “a série maior e mais importante de escavações em dólmenes deste tipo (pequenas sepulturas simples)” tenha sido “efectuada pelo Dr. Manuel Heleno Júnior” (Leisner e Leisner, 1985: 20).

Considerando, além disso, que Manuel Heleno atribuiu os monumentos que considerava mais antigos ao Neolítico “puro” e que deixou bem explícita a sua crença de que a cultura megalítica alentejana teria evoluído localmente a partir dos concheiros mesolíticos do estuário do Tejo, podemos admitir que, na escolha da sua área de estudo, teve em conta a estreita relação espacial entre essa área e o território de onde ele acreditava serem originários os construtores das primeiras sepulturas. Uma lógica semelhante, embora com pressupostos bastante diferentes levou, recentemente, Manuel Calado a considerar determinante essa articulação geográfica, na génese do megalitismo regional (Calado, 2004).

Seja como for, a área de estudo que, na prática, foi definida por Manuel Heleno, organiza-se em dois grupos distintos, que poderíamos designar como o grupo ocidental, o mais extenso, englobando exclusivamente monumentos de granito, distribuídos pelos concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche, Mora e Arraiolos, e o grupo oriental, menos numeroso e mais disperso, repartido em dois núcleos, localizados, um a Norte e outro a Sul da cidade de Estremoz, e ambos integrados no respectivo território concelhio Todos os monumentos que integram este grupo são de xisto.

No caso do grupo ocidental, é impressionante o carácter sistemático das intervenções de Manuel Heleno: na verdade, os monumentos escavados ou simplesmente referenciados formam uma malha contínua, em que os hiatos entre monumentos nunca excedem os três quilómetros. Essa concentração é menos notória no grupo oriental.

Entre essas duas áreas, separadas por uma distância de cerca de 30 quilómetros, foi apenas escavado um monumento, a Anta das Cabeças; trata-se de uma escolha pontual, certamente por se tratar de um monumento arquitectonicamente excepcional e sobejamente conhecido no tempo de Manuel Heleno. Esta intervenção assinala, de certo modo, o final dos trabalhos de Manuel Heleno no Megalitismo alentejano.

5.2. Metodologia dos trabalhos de campo

Se os *Cadernos de Campo* de Manuel Heleno constituem ainda hoje uma fonte documental não negligenciável para o estudo do megalitismo do Alentejo, a sua análise permite verificar que, à luz das exigências actuais, as metodologias de Manuel Heleno deixaram muito a desejar.

Em boa parte, os problemas detectados, constituem a norma no ambiente científico da época e parecem resultar também de alguma falta de experiência de Manuel Heleno, lacuna de que, aliás, como vimos, foi expressamente acusado.

É claro que os termos de comparação mais pertinentes, são, a montante, os trabalhos de Leite de Vasconcellos, com quem Manuel Heleno aprendeu provavelmente a escavar, e os de Vergílio Correia, em cujos resultados certamente se baseou.

5.2.1. Heleno versus Vasconcellos

A documentação inédita de Leite de Vasconcellos (Carreira, 1995-1996) referente às suas escavações alentejanas no início do séc. XX, permite-nos, desde logo,

verificar algumas semelhanças e diferenças importantes, tanto mais que se trata, igualmente, de Cadernos de Campo.

O uso do crivo, pelo menos nos monumentos melhor recheados, parece ter sido um dos traços comuns que importa realçar. A propósito da anta do Rocio do Montinho, escavada em 1900, Leite de Vasconcellos afirma, por exemplo, ter crivado “toda a terra do corredor, até ao chão natural.” E acrescenta que “na câmara” crivou “grande parte da terra, e outra foi revistada na pá.” (Carreira, 1995-1996: 31-32); no caso da anta Grande da Comenda da Igreja, refere que acabou “de despejar a câmara, e de crivar a terra” (Carreira, 1995-1996: 15, 17); curiosamente, mais tarde, Manuel Heleno veio a reescavar o monumento (sem identificar os autores das intervenções anteriores) e, para além de recolher ainda um espólio considerável, identificou a presença de nichos (Volume 2, Anexo 2), análogos aos que Vergílio Correia tinha, entretanto, identificado, em duas antas de Pavia (Correia, 1921: 28, 34). Esse detalhe está, no entanto, omissa nas notas de Leite de Vasconcellos.

Este último, fornece, em contrapartida, outro elemento muito interessante, que não parece ter sido notado por Manuel Heleno: a presença de uma espessa camada de ocre, na base da câmara, que estaria “revestido de uma espécie de tejo ou adobe vermelho” e que “os trabalhadores comparavam (...) ao ladrilho de tejo que hoje se usa nas casas alentejanas”. Explica, de seguida, o facto de os materiais apresentarem manchas de ocre, por “haverem sido depositados no contacto do solo vermelho” (Carreira, 1995-1996: 14).

O registo gráfico das estratigrafias (perfis estratigráficos), feito sempre de forma esquemática, condiz razoavelmente com a metodologia usada, embora de forma muito mais pontual, por Manuel Heleno. Na escavação da Anta da Velada, por exemplo, Leite de Vasconcellos apresenta um conjunto de perfis, referentes à estratigrafia detectada, tanto na câmara como no corredor, incluindo um perfil mais detalhado, subdividindo em duas uma camada que, noutro perfil mais genérico, foi interpretada como uma única camada de entulho; inclui ainda um alçado dos esteios (sem orientação expressa), com o objectivo de mostrar a inclinação dos mesmos.

Da anta Grande da Comenda da Igreja, Leite de Vasconcellos realizou uma planta esquemática do monumento, individualizando as diversas partes intervencionadas; note-se, sobretudo o facto de ter sido desenhado o limite da mamoa, informação gráfica que nunca está presente nas notas de Manuel Heleno; noutro caso, o

da anta dos Barrocaes, Leite de Vasconcellos desenhou também uma planta da mamoa, representando mesmo, de uma forma que é de supor esquemática, as próprias curvas de nível (Carreira, 1995-1996: 44)

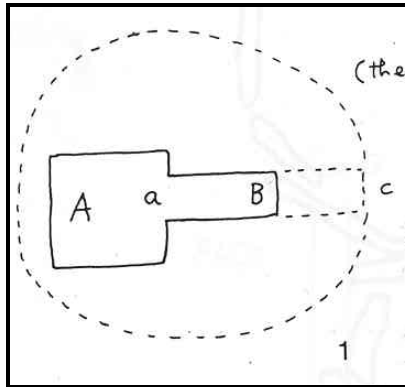


Fig. 5.1. Planta esquemático da área intervencionada por Leite de Vasconcellos, na anta Grande da Comenda da Igreja (Carreira, 1995-1996:10, 40).

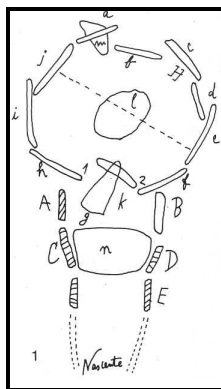


Fig. 5.2. Planta da anta da Velada, realizada por Leite de Vasconcellos (Carreira, 1995-1996:42).

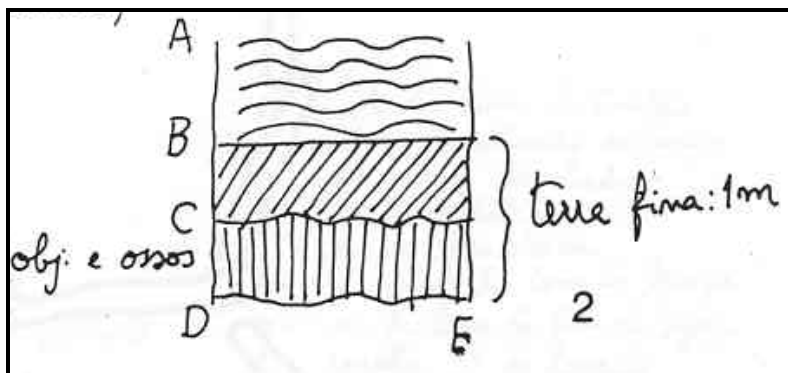


Fig. 5.3. Perfil estratigráfico da câmara da Anta Grande da Comenda da Igreja, desenhada por Leite de Vasconcellos: A/B: entulho, terra vegetal e pedras; B/D: terra fina; C/D: zona principal dos achados; D/E: chão natural (Carreira, 1995-1996:12, 40)

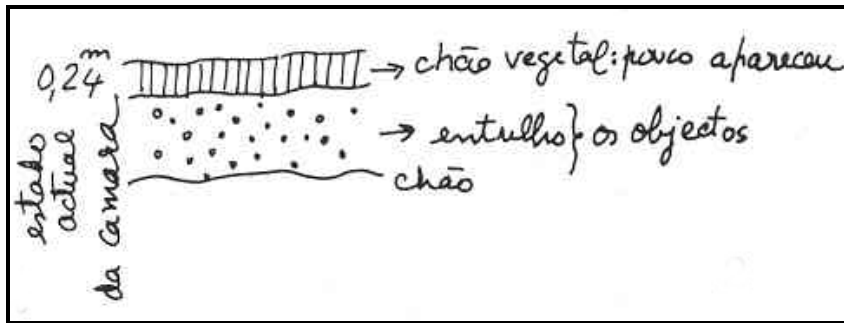


Fig. 5.4. Perfil estratigráfico do corredor da anta da Velada, segundo Leite de Vasconcellos (Carreira, 1995-1996:23, 42).

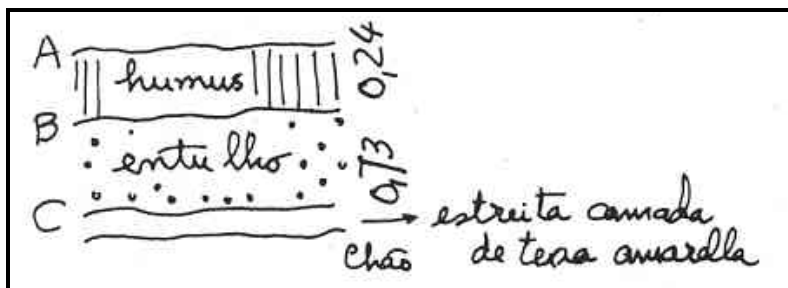


Fig. 5.5. Perfil estratigráfico da câmara da anta da Velada, segundo Leite de Vasconcellos (Carreira, 1995-1996:23, 42).

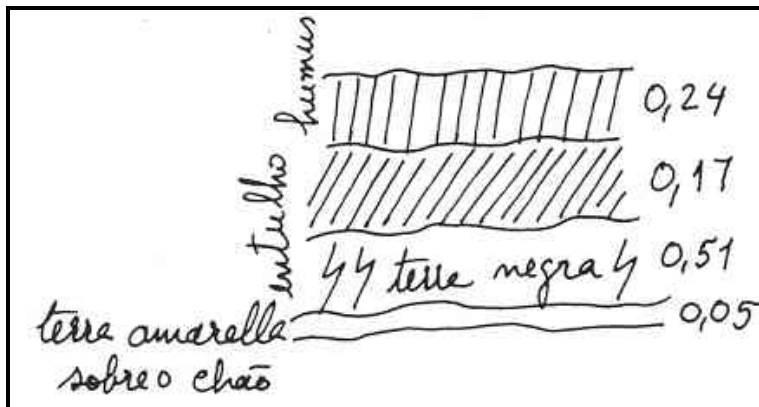


Fig. 5.6. Revisão do perfil estratigráfico da figura anterior, segundo Leite Vasconcellos (Carreira, 1995-1996:24, 42)

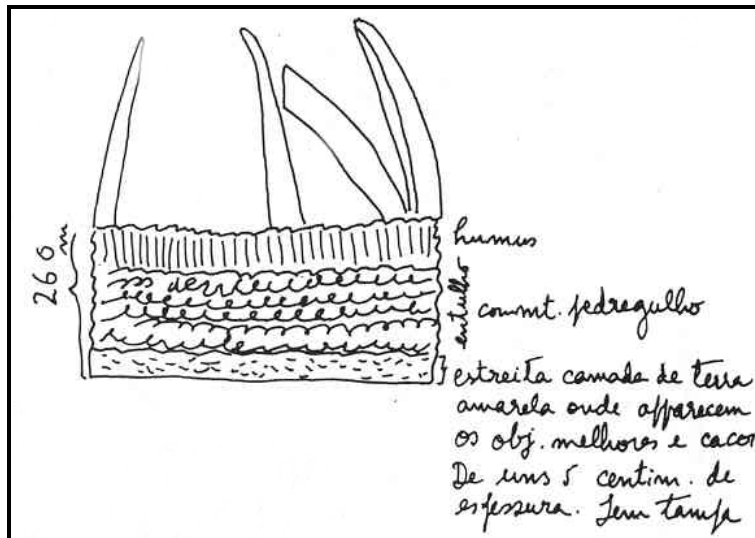


Fig. 5.7. Alçado dos esteios da anta da Velada, desenhado por Leite de Vasconcellos (Carreira, 1995-1996:24, 42).

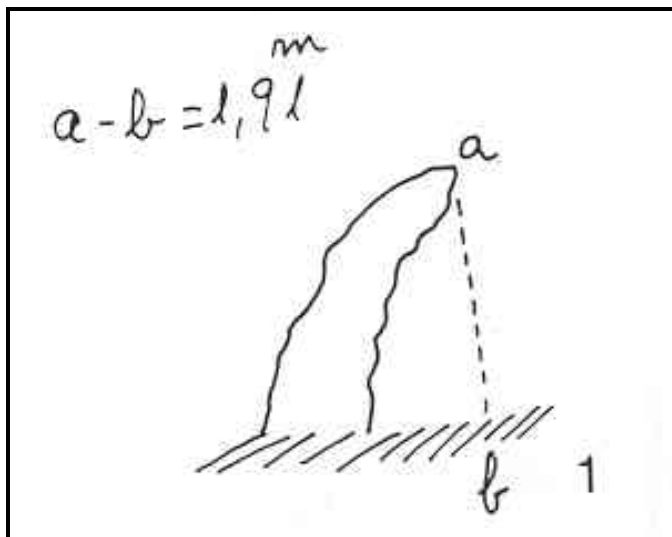


Fig. 5.8. Alçado do esteio mais alto da câmara da anta da Velada, segundo Leite Vasconcellos (Carreira, 1995-1996:25, 43)

Da escavação da anta do Estanque, Leite de Vasconcelos deixou-nos também uma planta esquemática da câmara, com indicação da proveniência dos restos osteológicos recolhidos (Carreira, 1995-1996:18, 40). Este interesse pela posição dos ossos humanos é igualmente notório em Manuel Heleno, com o intuito expresso de registar dados pertinentes para a caracterização dos rituais funerários. Apesar disso, raras vezes registou, de forma gráfica, essas observações.

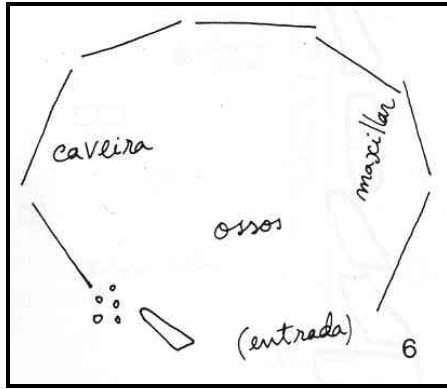


Fig. 5.9. Planta da câmara da anta do Estanque, com a localização dos restos humanos. (Carreira, 1995-1996: 40)

Na anta do Curral da Antinha, escavada em 4/11/1900, Leite de Vasconcelos apresenta um monumento completamente revolvido e com poucos materiais arqueológicos, afirmando que escavou “o chão vegetal até o solo natural (...) e que “nada apareceu, só tejos grossos (...) facas, fragmentos de machados e cacos” e concluindo, de forma taxativa: “Nada mais. Foi violada completamente a começar pelo menos na época romana ou visigótica” (Carreira, 1995-1996: 19).

Manuel Heleno, pelo contrário, chama a atenção para a estratigrafia do monumento, anotando que “assentava em fundo rochoso” sobre o qual assentaria, por sua vez, “uma camada de terra avermelhada e sobre esta uma de terra negra”.

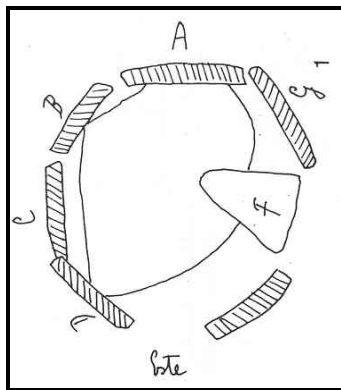


Fig. 5.10. Planta da câmara do Curral da Antinha. (Carreira, 1995-1996: 40)

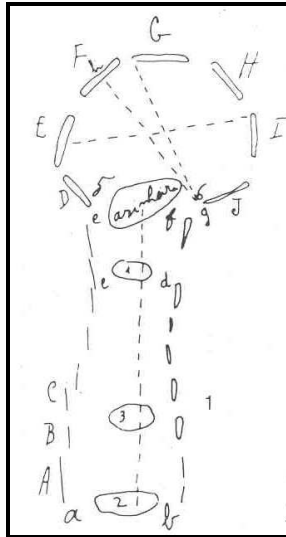


Fig. 5.11. Anta do Rossio (Carreira, 1995-1996: 44)

Outro caso que abona a favor do carácter sistemático do trabalho de Manuel Heleno é o da anta dos Barrocaes, que quase não chegou a ser intervencionada por Leite de Vasconcelos. De facto, este investigador só terá achado “chão firme” e conclui que “uma grande escavação pôde ser que fizesse descobrir a câmara, mas o proveito não seria muito, a julgar de outras antas arruinadas, ainda em melhores condições que esta, e por isso não perdi tempo com ella” (Idem: *ibidem*: 34).

Esta má avaliação do estado do monumento acabou por preservá-lo até à escavação de Manuel Heleno, em Abril de 1934, tendo este investigador identificado uma sepultura megalítica e recolhido materiais (cf. Volume 2, Anexo 1).

Quanto à descrição dos artefactos, para além das singularidades terminológicas de Manuel Heleno e que mais adiante serão comentadas, destaca-se, desde já, a presença, nos Cadernos de Leite de Vasconcelos, de referências às placas de grés (na anta da Velada), peças que, nas descrições de Manuel Heleno, se confundem com as placas de xisto.

Por outro lado, a ausência de geométricos nas listagens do primeiro director do Museu Etnológico, tanto pode implicar a sua efectiva inexistência nos monumentos que intervencionou, como, eventualmente, uma lacuna conceptual do autor. Neste aspecto, pelo que parece, Manuel Heleno desbravou terreno virgem; a comparação com artefactos análogos, exumados dos concheiros mesolíticos, tornou-se, obviamente, o principal esteio do modelo, concebido por este autor, para a origem do megalitismo alentejano.

Também a tentativa de arrumar os machados de pedra polida, as pontas de seta ou os micrólitos, em categorias de base cronológica – ainda que não tenham sido muito bem sucedidas – representa, certamente, um passo em frente na investigação sobre o tema.

5.2.2. Heleno *versus* Correia

A comparação com as metodologias seguidas por Vergílio Correia é mais problemática, uma vez que, neste caso, não dispomos dos respectivos Cadernos de Campo e, segundo parece, o próprio autor não teve acesso, na altura da redacção da sua obra, a uma parte significativa desse material. Também o facto de ser um trabalho publicado, uma síntese, deve ter levado o seu autor a omitir detalhes metodológicos que, por hipótese, deveriam constar das suas anotações de campo.

De facto, são praticamente nulas as informações de carácter metodológico que constam no trabalho de Vergílio Correia. Não sabemos, por exemplo, se crivou ou não os sedimentos; na verdade, as listagens de materiais referidos para cada anta parecem indicar que as terras não foram crivadas, uma vez que escasseiam as referências a artefactos de pequenas dimensões. Choca, sobretudo, o facto de em cerca de 80 monumentos que escavou, não aparecer nenhuma referência a micrólitos geométricos, mutismo que, como vimos, também parece afectar Leite de Vasconcellos.

No caso de Vergílio Correia, a eventual ausência de crivagem não parece, só por si, suficiente para explicar a ausência de geométricos; trata-se, também, muito provavelmente, de um problema conceptual: esses artefactos podem, de facto, estar mascarados sob a classificação genérica de fragmentos de facas ou faquinhas.

5.2.3. Um contraponto actual

Em 2000 foi publicado por Ana Cristina Santos, no âmbito da elaboração da Carta Arqueológica de Coruche, uma revisão do conjunto megalítico da Água Doce e Azinhalinho (Santos, 2000), que constou, basicamente, da realocação dos monumentos publicados pelo casal Leisner. Estes dados assentavam, por sua vez, na maior parte dos casos, em informações transmitidas pelo próprio Manuel Heleno (Leisner e Leisner, 1959: 273-275).

Na verdade, apesar de se saber que Manuel Heleno tinha efectuado escavações nesta área, os dados dessas intervenções e a própria listagem integral dos sítios, continuavam inacessíveis por não terem ainda sido recuperados os *Cadernos de Campo*; exceptua-se a Anta 3 da Herdade do Azinhal, que, por ter sido escavada em parceria com H. Obermaier e G. Leisner, foi devidamente publicada, pelo casal alemão, nos *Megalithgräber*.

Trata-se, em termos administrativos, de uma estreita faixa na parte Sul do concelho de Coruche, encaixada entre os concelhos de Montemor, Mora e Arraiolos, e que, em termos paisagísticos (e megalíticos) se integra, de facto, no território que Manuel Heleno designava genericamente como Siborro e onde escavou uma mancha contínua de monumentos, entre essa aldeia e a das Brotas.

Comparando os dados contidos nos *Cadernos* com o resultado da revisão de Ana Cristina Santos, verificam-se, desde logo, as discrepâncias que, aliás, eram de esperar e que coincidem com os resultados das minhas próprias revisões, noutras áreas: o número actual de monumentos é inferior ao que foi identificado por Manuel Heleno.

Este fenómeno resulta, por um lado, da razão que os monumentos, sobretudo os mais frágeis, sofreram nas últimas décadas, e, por outro, das más condições de prospectabilidade actual da área.

Em contrapartida, aquela autora regista monumentos não referidos pelos Leisner e que, legitimamente, classifica como inéditos: na verdade, trata-se de antas identificadas e escavadas por Manuel Heleno que, obviamente, não deu disso conhecimento aos arqueólogos alemães. Trata-se da Antela e da Cista do Outeiro Alto (Santos, 2000:494-495), designadas, nos *Cadernos*, como Anta 1 da Guarita (anta BU, Cd. 17 – Volume 2, Anexo 1, p.119) e Anta da Roça de Linhares (anta BX, Cd.17 – Volume 2, Anexo 1, p. 121), respectivamente

Outro aspecto curioso, e que lança algumas interrogações sobre a forma como Manuel Heleno cedeu (ou não cedeu) os seus dados aos investigadores alemães, é o facto de as designações dos monumentos não serem coincidentes, nem sequer no único caso em que a escavação foi partilhada: de facto a Anta 3 da Herdade do Azinhal – a mais citada como exemplo de sepultura primitiva – é designada por Manuel Heleno como Anta de Vale de Covas.

A descrição deste monumento, nos *Cadernos de Campo*, é bastante minuciosa; no entanto, o número de artefactos recolhidos não parece coincidente com o referido pelos Leisner. Efectivamente, na planta apresentada por Manuel Heleno aparecem localizados de cinco artefactos e, na descrição, refere ainda mais três geométricos, o que perfaz um total de oito artefactos; porém, segundo G. e V. Leisner (Leisner e Leisner, 1959: 254) seriam 11.

O secretismo que o Director do Museu Etnológico impunha em torno dos resultados das suas escavações parece evidenciar-se no caso da Anta da Água Doce 3, monumento que designou como Anta Pequena do Caminho da Fanica; efectivamente, G. e V. Leisner referem (Leisner e Leisner, 1959: 274) que a anta tinha sido escavada por ele e que não teria dado nenhum espólio, quando, nos *Cadernos de Campo*, Heleno anotou a recolha de fragmentos de cerâmica e de uma lâmina (anta AD, Cd.10 – Volume 2, Anexo 1, p. 85).

Ana Cristina Santos desenhou e publicou as plantas dos monumentos realocizados, o que nos permite estabelecer, mais uma vez, algumas comparações sobre a qualidade do registo gráfico de Manuel Heleno.

Convém ter em mente que, no que diz respeito aos *Cadernos*, se trata de apontamentos de campo, dos quais não é legítimo esperar demasiado rigor. Por outro lado, as plantas actuais dos monumentos são quase sempre o resultado de uma história recente atribulada, conforme tive oportunidade de confirmar em inúmeros casos. Aos processos naturais, erosivos e outros, somam-se as sequelas da intervenção irresponsável da maquinaria agrícola, em primeiro lugar, e as próprias fragilizações resultantes da intervenção arqueológica.

Isto, apesar do facto de Manuel Heleno que, ao ser acusado de negligência nos métodos de conservação dos monumentos, reagiu, com veemência, desafiando “a Junta Nacional de Évora ou o seu inspirador a provar que das antas que” tinha escavado “ficou só uma por consolidar”. E acrescenta, escudando-se no parecer dos Leisner, que “nem doutra maneira se compreenderia que os arqueólogos Leisner, que visitaram todos esses monumentos, pudessem escrever, que as minhas escavações ‘foram as primeiras executadas rigorosamente conforme as exigências e métodos da ciência moderna’ ” (Heleno, 1966: 552).

As imprecisões observáveis nos esboços das plantas de Manuel Heleno, explicáveis, normalmente, pelas razões gerais acima apontadas, não permitem, no

entanto, compreender o problema específico da planta da Anta do Caminho da Fanica/Água Doce 2, em que o esteio tombado do lado Sul, aparece desenhado no lado Norte.

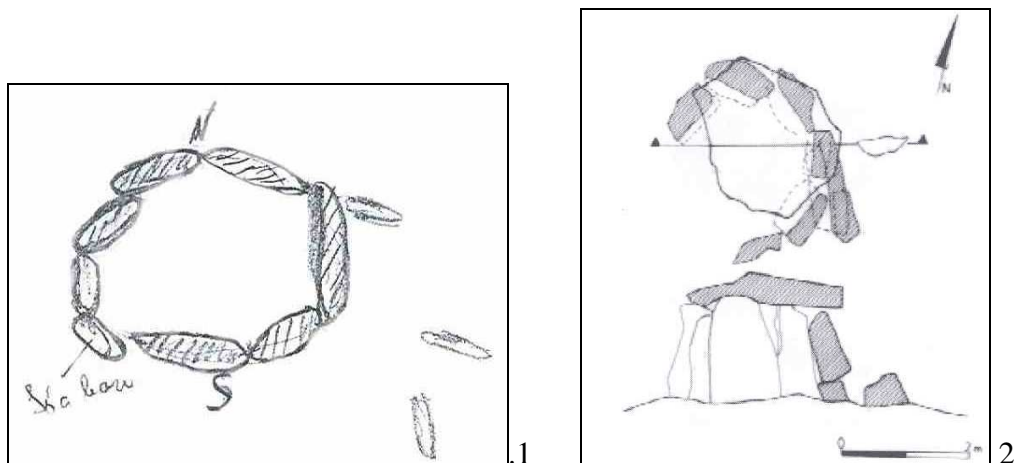


Fig. 5.12. 1: Vale do Beiró. Seg Manuel Heleno (Cd.3); 2: Água Doce 1. Seg Cristina Santos (Santos, 2000, Est. II - 3)

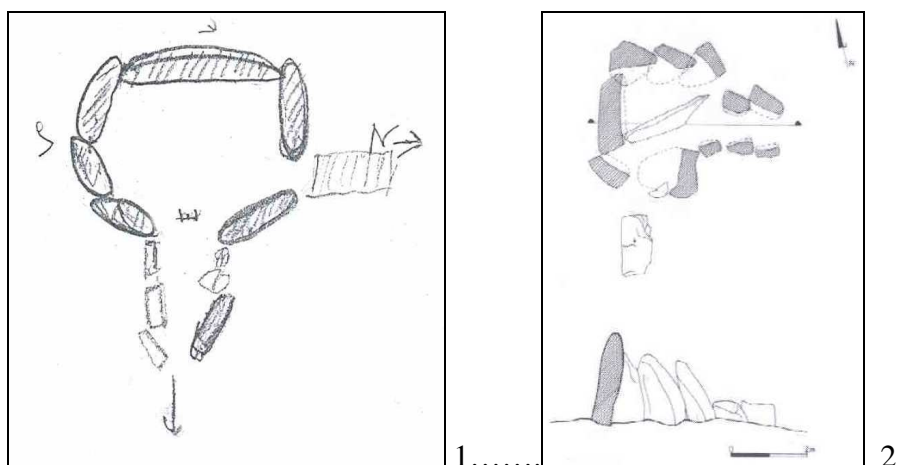


Fig. 5.13. 1. Grande do Caminho da Fanica. Seg Manuel Heleno (Cd.3); 2: Água Doce 2. Seg Cristina Santos (Santos, 2000, Est. II - 4)

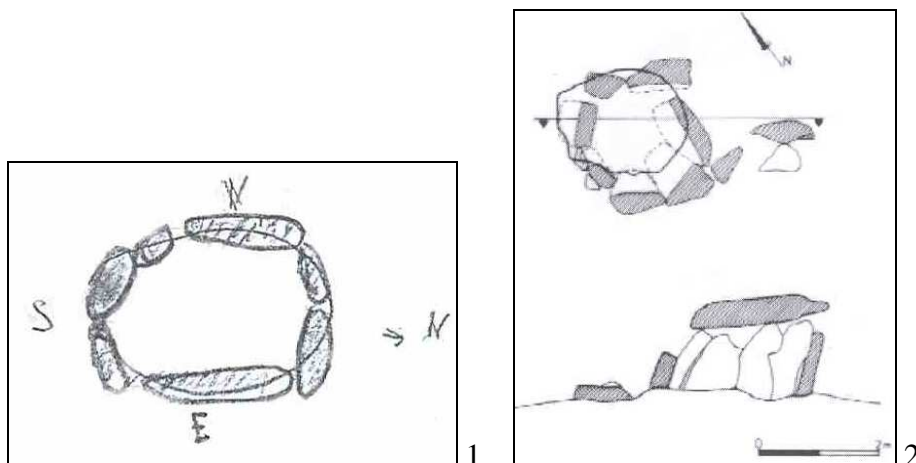


Fig. 5.14.1: Pequena do Caminho da Fanica. Seg Manuel Heleno (Cd.3); 2: Água Doce 3. Seg Cristina Santos (Santos, 2000, Est. III – 5)

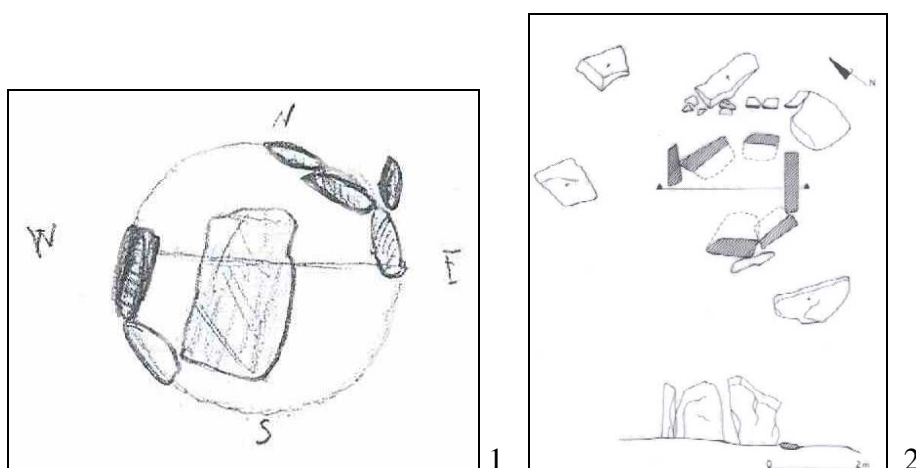


Fig. 5.15.1: Anta Oeste da Estrada de Montemor. Seg Manuel Heleno (Cd.3; 9); 2: 1ª da Herdade do Azinhal. Seg Cristina Santos (Santos, 2000, Est. III – 6)

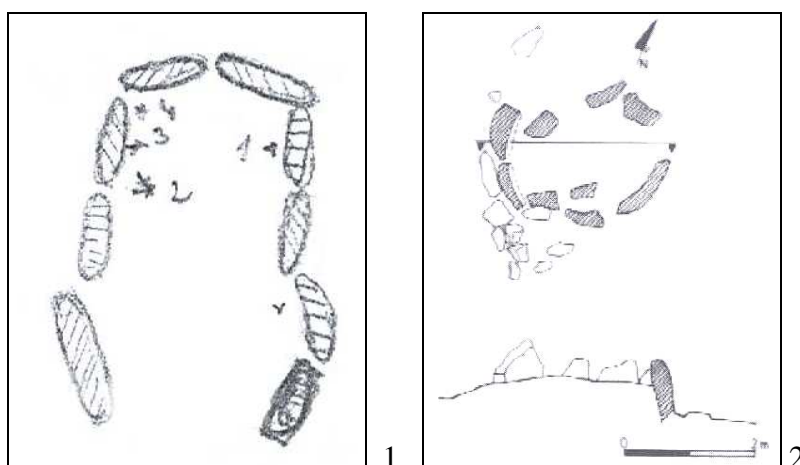


Fig. 5.16. 1: Vale Covas. Seg Manuel Heleno (Cd.20); 2: Anta 3 do Azinhal. Seg Cristina Santos (Santos, 2000, Est.IV – 7)

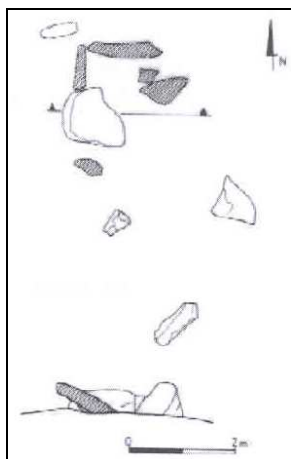


Fig. 5.17. Anta do Outeiro Alto. Seg Cristina Santos (Santos, 2000, Est. VI – 12)

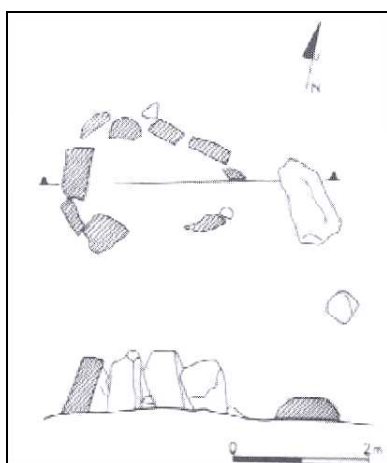


Fig. 5.18. Antela do Outeiro Alto. Seg Cristina Santos (Santos, 2000, Est. VI – 13)

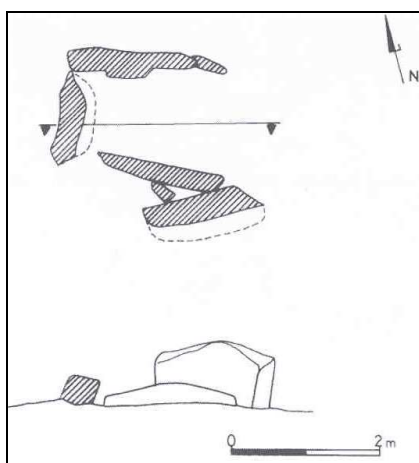


Fig. 5.19. Cista do Outeiro Alto. Seg Cristina Santos (Santos, 2000, Est. VII – 14)

Em síntese, faltou sobretudo “fazer a interpretação minuciosa das camadas” (Heleno, p.547) que, teoricamente, se propunha fazer, e a contextualização diferenciada

dos artefactos; faltou, em termos de registo, a execução, de forma sistemática e rigorosa, dos desenhos de plantas e alçados.

Em última análise, a maior parte do seu trabalho não se distingue muito de uma “caça de objectos” que, mesmo assim, acabou por não estudar minimamente.

Segundo consta, Manuel Heleno foi, sobretudo, um arqueólogo distante, deixando, normalmente, as escavações entregues a um funcionário do Museu, coadjuvado por trabalhadores rurais. Por isso, as observações que podem ou não ter sido efectuadas, dependeram muito mais da capacidade e poder de observação dos seus colaboradores que de si próprio.

O único funcionário referido nos *Cadernos de Campo* é o Sr. Madeira, que, na expressão de Manuel Heleno era o “ajudante de preparos”.

Segundo informações orais do Sr. Roldão, outro colaborador assíduo do Director do Museu, era normal Manuel Heleno estar ausente da escavação, devido à sua saúde e afazeres. Da época em que com ele trabalhou, posterior às escavações no megalitismo alentejano, o Sr. Roldão recorda que, habitualmente, Manuel Heleno ia visitar a escavação apenas aos fins-de-semana, mas nem sempre, para levar consigo, de volta, algum espólio mais importante, uma vez que o restante era despachado pelo comboio. Semanalmente, a pessoa que ficava responsável pelos trabalhos de campo fazia um relatório escrito, que enviava pelo correio e devia, no fim-de-semana, telefonar a Manuel Heleno afim de lhe dar conta das ocorrências e receber instruções.

Quanto ao registo gráfico que aparece nos *Cadernos*, manifestamente menos apurado que nos de Leite de Vasconcellos, tudo indica que foi, na sua maioria, elaborado pelo próprio Manuel Heleno; note-se, como curiosidade, o facto de, num artigo de Leite de Vasconcellos sobre uma “excursão” arqueológica, realizada ao Alentejo, em 1923, se representarem “fotografias de seis antas, tiradas, bem como a planta rigorosa da anta nº 6 (...), pelo Dr. Manuel Heleno” (Vasconcellos, 1929: 169).

Para além das plantas pouco rigorosas que elaborou, deixou-nos também desenhos de artefactos, quase sempre resumidos ao contorno da peça.

Francisco Valença, que era, desde o tempo de Leite de Vasconcellos, o desenhador do Museu, redesenhou, noutra tipo de suporte, as plantas de alguns monumentos, ainda que não exista, nos *Cadernos de Campo*, a mais leve menção à sua presença; no MNA conserva-se actualmente cerca de meia centena de plantas,

infelizmente sem identificação dos monumentos, cuja qualidade gráfica é claramente superior à dos desenhos inclusos nos *Cadernos*; note-se que Philine Kalb refere, a propósito, ter contabilizado, há cerca de 20 anos, “pouco menos de 100 plantas” (Kalb, 1985: 2, *in* Prefácio a Leisner, 1985).

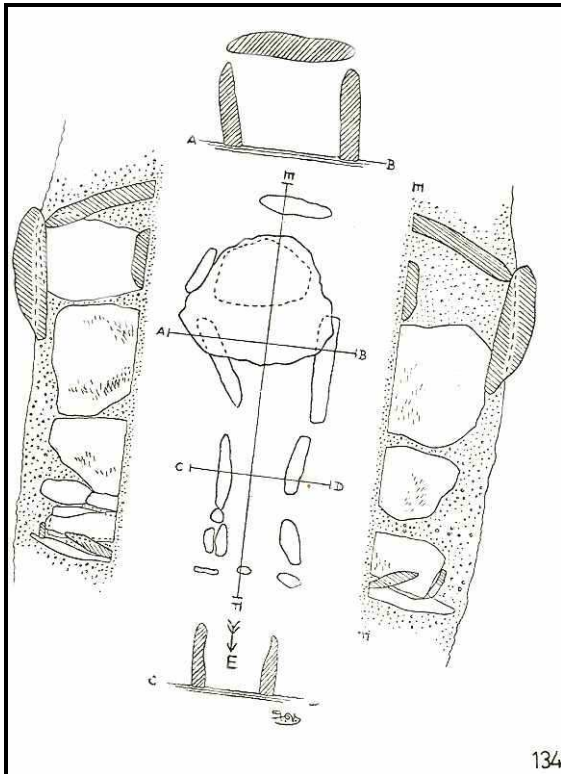


Figura 5.20. Planta da anta 2 da Lobeira de Baixo (CI). Desenho de Francisco Valença (MNA).

Por outro lado, foram desenhadas, em alguns dos *Cadernos*, plantas de melhor qualidade aparente, alterando mesmo, num caso ou noutro, as plantas esquemáticas de que Manuel Heleno foi, certamente, o autor.

Trata-se de desenhos realizados pelo Sr. Madeira, o referido “ajudante de preparos”, uma vez que foram legendadas com caligrafia distinta e, por vezes, aparecem mesmo assinadas.

Existe ainda, em depósito no MNA, um conjunto significativo de fotografias de campo, com imagens que revelam, até certo ponto, a metodologia das escavações e que, por outro lado, são a única documentação gráfica disponível sobre os monumentos entretanto destruídos. Na senda de Leite de Vasconcellos e de Vergílio Correia, as fotografias nunca apresentam escala; em contrapartida, essa função foi, frequentemente, desempenhada por personagens: ele próprio, a sua mulher, os trabalhadores, ou mesmo camponeses (incluindo crianças) que estabelecem uma ponte, mais ou menos consciente, com a etnografia regional.

Apesar das limitações acima referidas, Manuel Heleno foi, em geral, rigoroso na descrição das arquitecturas e nas localizações dos monumentos, rigor que, aliás, foi possível confirmar no terreno.

No Caderno 3 (Fronteira), Manuel Heleno anota mesmo um *memorandum*, que constitui um esboço de Ficha de Monumento/Sítio (Volume 2, Anexo 1, p. 262) e que contempla:

- em termos etnográficos, a história da localidade, lendas, costumes, práticas supersticiosas;
- em termos geográficos, a situação, a distância, os caminhos, a latitude e a longitude, a altimetria, a toponímia, as fontes ou rios próximos;
- e, em termos arqueológicos, a fotografia, a equidistância, o nome do sítio e do dono, a planta da região e as antiguidades. Noutro caderno (Cd. 2) anota a necessidade de, futuramente, levar para o campo, uma régua e uma craveira e caixas pequenas para guardar o espólio (Volume 2, Anexo 1, p. 19).

Para além da escolha da área de estudo reflectir, como vimos, uma certa continuidade com os trabalhos anteriores – sobretudo os de Vergílio Correia – a diversidade dos tipos de sítios registados, nomeadamente os abrigos, os santuários e os povoados, que ambos supunham directamente relacionados com as antas, remete, certamente também, para um contexto de continuidade.

Vergílio Correia deixou, aliás, bem patente essa preocupação, afirmando que “la abundancia de monumentos sepulcrales me llevó forzosamente a buscar la población”, para além de “otros monumentos que no podía dejar de considerar como de carácter exclusivamente religioso” (Correia, 1921: 10).

Dez anos mais tarde, foi também com base numa presumida ligação entre os “lugares de habitación, lugares de sepulturas y lugares de religión” (Correia, 1921: 10) que Manuel Heleno elaborou a sua estratégia de estudo integrado do megalitismo alentejano.

Neste aspecto, como veremos, nem um nem outro obtiveram resultados satisfatórios. Vergílio Correia escavou um povoado calcolítico cuja contemporaneidade com as antas foi, certamente, apenas parcial, e, apesar de dispor de elementos mais do que suficientes para detectar diferenças, tanto mais que se propôs utilizar os materiais recolhidos no povoado como “termino de comparación com los objectos encontrados en

los dolmenes” (Correia, 1921: 12), acabou por incluir todos os vestígios registados (incluindo as pequenas sepulturas) num mesmo patamar cronológico-cultural. A conclusão a que chegou foi a de que os habitantes do Castelo de Pavia foram “los mismos que erigieron las antas disseminadas por los alrededores” (Correia, 1921: 12).

Manuel Heleno, por sua vez, também não conseguiu ultrapassar esses limites conceptuais. Os povoados que identificou e, sobretudo, aqueles em que recolheu um volume suficiente de espólio, são indiscutivelmente de cronologia calcolítica; por outro lado, como veremos, alguns dos que classificou como fundos de cabana não são, provavelmente, povoados, mas monumentos funerários.

É certo que foi preciso esperar até aos anos 70 para que a questão do povoamento megalítico voltasse a emergir, de forma igualmente ingénua, na investigação regional (Arnaud, 1971); pelo meio, nenhum dos estudiosos do megalitismo – com uma responsabilidade particular para o casal Leisner – se interessou por esse aspecto fulcral da contextualização dos monumentos.

Para além da herança de Vergílio Correia, convém sublinhar que Manuel Heleno, conhecedor dos trabalhos do seu antecessor, tendo acesso aos materiais por ele exumados e eventualmente inspirado nas propostas gerais de Nils Åberg, Bosh-Gimpera ou Hugo Obermaier, teve o mérito de questionar e tentar confirmar no terreno, a existência de uma diacronia na construção e utilização dos monumentos megalíticos, que os distintos espólios e arquitecturas lhe pareciam testemunhar.

A propósito da sua pretensão de escavar nos concheiros do Tejo, onde, como se compreende, pretendia reunir provas para alicerçar o seu modelo evolutivo, afirmou numa polémica jornalística com Mendes Correia, que haveria “toda a conveniência científica em ali serem feitas escavações por investigadores sem ideias preconcebidas e sem teses a defender” (Diário de Notícias, 22.01.1933); esse não era, sem dúvida, o seu caso.

Em última análise, Manuel Heleno parece ter estado, desde o início, convencido de que trabalhava numa ilha praticamente imune a contactos com outras áreas megalíticas e de que, por isso, seria possível rastrear uma evolução linear, feita toda localmente, desde os monumentos (e artefactos) mais antigos até aos mais recentes. As escassas intrusões no processo só teriam surgido, de forma quase imperceptível, numa fase avançada do mesmo, sem que se tenha, nas suas reflexões, preocupado com as eventuais origens dessas influências.

5.3. Critérios de registo

Em relação aos Códigos utilizados por Manuel Heleno para identificar os monumentos – usados igualmente para identificar, no Museu, a proveniência dos materiais – e após a leitura dos vários *Cadernos de Campo* referentes à área em análise, verifica-se que alguns não chegaram a ser atribuídos – AA, BA, CA, CB, DA a DD, EA a EJ, FA a FF, GA a GG, IA a II, JA a JI, KA a KJ, LA a LN – terminando a sequência no Código LO. É possível, naturalmente, que estes Códigos tenham sido atribuídos a monumentos intervencionados noutras áreas.

Por outro lado, regista-se a repetição de um Código, é o caso de DQ – que no Cd. 22 (Volume 2, Anexo 1, p. 151), designa a Sepultura da Freixeirinha e a anta 1ª dos Varelas. As letras K e Y só começaram a ser utilizadas a partir da letra D (DY).

Verifica-se, além disso, que existem monumentos a que Manuel Heleno não atribuiu qualquer Código. Da análise dos *Cadernos de Campo* deduz-se que esta ausência resulta de duas situações distintas: por um lado, a maioria dos monumentos intervencionados que não forneceram espólio e, por outro, os monumentos intervencionados nos concelhos de Fronteira (em 1923) e de Estremoz (nos anos de 1930, 1931 e 1934), em que foi utilizado apenas o nome do monumento seguido de uma numeração sequencial.

Na verdade, em nenhum momento Manuel Heleno explica porque é que, no caso dos monumentos de Estremoz que, por exemplo, foram intervencionados nos mesmos anos que os dos outros concelhos (Montemor, Coruche, Mora e Arraiolos) e onde foi recolhido espólio, optou por não atribuir qualquer Código.

Outro aspecto interessante tem a ver com o facto de Manuel Heleno ter tornado a escavar monumentos já intervencionados por outros investigadores, nomeadamente por Almeida Carvalhaes, Leite de Vasconcelos e Júlio César Garcia, na área de S. Geraldo, nos anos de 1898 – 1900 e de Virgílio Correia na área de Brotas, nos anos de 1914-18.

Em relação aos primeiros, apenas na Anta do Pardilheiro, na Comenda do Coelho (Cd. 14) Manuel Heleno refere que “ela tinha sido escavada pelo Dr. Leite de Vasconcelos anteriormente (vide o que dela ha no museu) (...) torna-se necessário porem verificar o que se levou na 1ª escavação e que deve estar no Museu Etnológico” (Cd.14 – Volume 2, Anexo 1, p. 102).

Em relação aos outros monumentos reescavados (anta da Velada, Rocio do Montinho, Casa Velha, Grande Comenda da Igreja, Curral da Antinha, do Curralejo, dos Barrocais, do Estanque, Sr.^a do Rosário, outra ao pé da eira, 1^a e 2^a da Folha do Paço, antas da Adua e da Herdade do Paço), em nenhum momento Manuel Heleno deixa transparecer se tinha, ou não, conhecimento dos trabalhos realizados anteriormente.

No entanto, sobre uma anta escavada por V. Correia limita-se a anotar que “já tinha sido explorada” (Cd.35 – Volume 2, Anexo 1, p. 226), sem especificar o autor da escavação. Este laconismo, conscientemente ou não, pode, eventualmente, ter por base as conhecidas divergências existentes entre ambos.

A descrição dos monumentos obedece, regra geral, ao seguinte padrão: identificação do monumento, seguido do código; a data da intervenção; a localização; a descrição do espólio recolhido; a descrição da arquitectura; a orientação e, em alguns casos, os comentários finais.

A data da intervenção é referida apenas em alguns monumentos; noutros, apenas contamos com a data que consta no Índice do *Caderno de Campo*.

Quanto ao espólio, verificam-se duas situações distintas: uma, em que Manuel Heleno descreve em pormenor o espólio recolhido, fazendo referências a eventuais associações a outros materiais e à sua posição em relação à arquitectura dos monumentos, e outra, em que se limita a apresentar uma listagem sucinta do espólio recolhido.

Esta dualidade de critérios parece dever-se, em parte, à importância científica relativa que, na sua óptica, os monumentos apresentavam; na verdade, para além dos exemplares de grandes dimensões, como é o caso da anta A do Paço que, pela sua complexidade ao nível dos enterramentos, dentro e fora do monumento, e pelo elevado número de materiais recolhidos, lhe despertou particular interesse, Manuel Heleno parece ter, desde o início, privilegiado as pequenas sepulturas, anotando todos os materiais e acrescentando, frequentemente, comentários de índole cronológica e cultural. Nas fases finais do Projecto, a partir de meados dos anos 30, parece detectar-se uma diminuição dos cuidados no registo, denotando, eventualmente, algum cansaço ou mesmo um certo desapontamento.

Por outro lado, algumas categorias de materiais arqueológicos beneficiaram de descrições bastante pormenorizadas, sobretudo as placas de xisto (decoração), as pontas de setas (forma da base e, por vezes, o retoque), ou os geométricos (forma).

Já no que diz respeito à quantificação, Manuel Heleno é, quase sempre, demasiado sucinto, sobretudo em relação ao espólio recolhido nos grandes monumentos como, por exemplo, quando anota “muitas setas (centenas), muito perfeitas” (Cd.15 – Volume 2, Anexo 1, p. 109). Refere também, em muitos casos, a profundidade a que se encontravam esses artefactos e a respectiva localização dentro do monumento.

De salientar ainda que Manuel Heleno elaborou a maior parte das suas conclusões com base em comparações com os sítios que ele próprio tinha escavado; as referências a outras estações arqueológicas são muito raras, exceptuando-se, quase exclusivamente, as comparações com Alcalar, de que tinha conhecimento através dos trabalhos de Estácio da Veiga (Veiga, 1886, 1887, 1889, 1890).

A descrição das arquitecturas, salvo raras excepções, também pretendeu ser (e, mesmo pelos parâmetros actuais, conseguiu-o) bastante exhaustiva. Manuel Heleno anota as medidas de cada um dos esteios (largura, altura e espessura), os dois diâmetros da câmara (longitudinal e transversal), as diversas larguras do corredor (entrada, meio e fim), a presença/ausência de tampas no corredor e do chapéu da câmara, a eventual existência de covinhas, gravuras e pinturas e, por vezes, também refere o diâmetro da mamoa. Regista ainda, nos *Cadernos*, a presença pontual de divisões internas ou de outras estruturas anómalas.

A descrição apresentada é sempre numerada, começando da esquerda para a direita, com o observador virado de frente para a “pedra mestra”. A orientação também é normalmente referida.

A minúcia das descrições compensa, em última análise, o fraco desempenho, em termos de registo gráfico; os desenhos de campo são, em geral, de fraca qualidade, resumindo-se a esboços pouco cuidados e, num caso ou noutro, pouco fiáveis, a que, mesmo assim, só alguns monumentos tiveram direito.

As anotações/comentários finais são, por outro lado, elementos imprescindíveis para identificar as questões e os modelos interpretativos que, de forma mais ou menos assumida, nortearam o projecto de Manuel Heleno no Alentejo Central (Capítulo 9).

De sublinhar as intervenções realizadas nas mamoas de alguns dos monumentos, como foi o caso das antas do Paço, embora tal facto não tenha tido um carácter propriamente inovador nem tenha sido certamente sistemático.

Os *Cadernos* contêm igualmente algumas anotações sobre os elementos das equipas de escavação, referindo-os, normalmente, como “os homens” e denunciando, em várias passagens, alguma desconfiança em relação a eles.

No Cd. 10 (Volume 2, Anexo 1, p. 84), por exemplo, ao referir a crivagem que fez dos sedimentos de alguns monumentos, aponta, a propósito da Anta X (Tanque do Velho), “duas setas achadas pelo João no corredor”, acrescentando o seguinte comentário: “Não teriam sido roubadas das caixas que estão em casa dele? Burla?”

As escavações eram realizadas, dentro de cada campanha, por núcleos de monumentos. De facto, analisando as datas de intervenção de cada um, verifica-se que Manuel Heleno foi escavando sucessivamente as antas que ficavam nas proximidades das anteriores e registando, nos *Cadernos de Campo*, as informações que foi obtendo sobre a localização de outros monumentos, que futuramente viria a escavar.

Tudo indica que a identificação de novos sítios resultou de um cruzamento de recolha sistemática de informação oral, com batidas de campo, efectuadas, eventualmente, pelos colaboradores, em paralelo com as escavações.

Houve também alguns casos em que reescavou os seus próprios monumentos, quer para esclarecer dúvidas que se tinham colocado com a primeira intervenção, quer para completar escavações interrompidas por más condições atmosféricas. Por outro lado, em alguns casos, Manuel Heleno refere que guardou terras (separando por montes, consoante a área de onde provinham) que, por estarem muito molhadas, não podiam ser crivadas. Posteriormente, na sequência da crivagem, descreve os materiais recuperados.

É importante sublinhar aqui a crivagem, que é de supor sistemática, dos sedimentos escavados, confirmada aliás, pela presença, nas colecções do Museu, de esquirolas e artefactos líticos de dimensões muito reduzidas. Neste aspecto, Manuel Heleno superou aparentemente a qualidade das intervenções de Vergílio Correia; na verdade, só assim se pode explicar a estranha ausência de geométricos nos dados publicados por este investigador, a não ser que se trate de uma lacuna nos seus conhecimentos arqueológicos e ele os tenha incluído na categoria de “facas de sílex”.

Porém, os conhecimentos gerais evidenciados por Vergílio Correia sobre a arqueologia portuguesa da época, contrariam esta última hipótese.

Recolheu também, em muitos monumentos, amostras de terras com cinzas, demonstrando um interesse, inusitado para a época, por este tipo de registo.

As anotações sobre aspectos de carácter ritual, embora escassas, são igualmente importantes; destacam-se as observações sobre a posição dos esqueletos, os eventuais indícios de cremações ou a posição de alguns artefactos.

Manuel Heleno, para além do registo e das escavações em monumentos megalíticos e povoados, preocupou-se também em fazer um registo etnográfico, anotando nomeadamente adivinhas e poesia popular, e deixou-nos algumas observações pertinentes sobre a paisagem, recuperando, até certo ponto, a abordagem integrada que Vergílio Correia ensaiou no megalitismo e acrescentando, mesmo que marginalmente, um tema que este autor tinha, incompreensivelmente, deixado “escapar”: o dos menires.

5.4.O discurso

Um dos aspectos interessantes das anotações de Manuel Heleno, nos *Cadernos de Campo*, tem a ver com a terminologia utilizada.

Por um lado, apesar de tender a designar como “antas” todos os monumentos, hesita, num caso ou noutro, e alguns dos monumentos de câmara simples são designados como sepulturas, tal como, aliás, todos os que se parecem inscrever em cronologias da Idade do Bronze ou posteriores.

Numa das notas em que descreve o seu sistema evolutivo refere “as “sepulturas formadas por lajes que, com os enterramentos colectivos passaram de rectangulares à forma redonda e depois à anta de corredor” (Cad. 14 – Volume 2, Anexo 1, p. 101). Noutro caso, a propósito do monumento do Barranco da Fraga, refere-a como “anta ou sepultura” (Cad. 11 – Volume 2, Anexo 1, p. 90). Subentende-se, nesta ambiguidade, uma eventual influência da linguagem usada por Vergílio Correia que, de uma forma geral, optou por distinguir antas e sepulturas (Correia, 1921).

As plantas das sepulturas são, quando apresentam forma quadrangular, “em forma de caixa ou galeria”, conforme se apresentavam fechadas ou abertas; para além da câmara e do corredor, considera, em alguns casos, a presença de “vestíbulos”, “antecâmaras” e “átrios” (Cad. 10 – Volume 2, Anexo 1, p. 86 e ss.).

O esteio de cabeceira é, quase sempre, designado como pedra mestra ou, apenas num caso, pedra-cabeceira (Cd. 10, Anta do Curral da Mosca – Volume 2, Anexo 1, p. 81).

Em várias passagens dos *Cadernos*, o autor faz comparações com os *tholoi* de Alcalar (sem nunca designar o tipo de monumento), referindo também a “época alcalareense” (Cad. 10 – Volume 2, Anexo 1, p. 80) e com as grutas artificiais de Alapraia. Por outro lado, no caso de um monumento parcialmente construído em pedra seca (a Anta 1ª das Picanceiras), compara esse detalhe com a “técnica alcalareense”, interrogando-se sobre a origem dessa técnica “nos dolmens primitivos” e concluindo que se trata de “uma técnica muito antiga, não estrangeira” (Cad. 38 – Volume 2, Anexo 1, p. 249).

Ainda nas arquitecturas é frequente, por exemplo, utilizar termos como “antinha”, “camarasinha”, “atriosinho”, “corredorzinho” e “esteiosinho”, sempre que se trate de elementos ou estruturas de pequenas dimensões relativas, enquanto nas situações inversas usa termos como “grandioso” ou “notável”.

As associações que utiliza para descrever a forma geral dos monumentos é, também, por vezes, bastante *sui generis*. Listeie nomeadamente antas em forma de “borracha”, “ampulheta”, “bilha”, “pêra”, “garrafa”, “garfo” e “8”.

Quanto aos artefactos, usa também, recorrentemente, os diminutivos; listeie, por exemplo, no que diz respeito aos elementos de adorno pessoal, as “continhas” ou “rodelasinhas” e os “pendentezinhos” ou, no domínio da pedra lascada e polida, “laminasinha”, “lançazinha”, “alabardazinha”, “setasinha”, “punhalzinho ou punhalinho”, “faquinha”, “escoprozinho” e “machadinho”, entre outros.

Nas pontas de setas refere, por vezes, “pontasinha” (quando se encontra conservada apenas a extremidade distal) ou “lindamente pedunculada”, “espigãozinho” mas também, “pequenina, minúscula e grandinha” e “linda” ou “formosinha”.

As cerâmicas aparecem, muitas vezes, referidas como “panelinha / tigelinha e vasilho”; a decoração é referida, por vezes, como “lindamente ornamentada”, sendo os termos “lindo/linda”, “muito lindo”, “lindíssimo” e “lindamente”, relativamente frequentes no discurso de Manuel Heleno sobre os artefactos.

Para as placas de xisto, usa frequentemente comentários como: “ornamentação de valor”; “original”; “esmerada”; “de valor” e “preciosíssimo”, “curioso”, “muito curioso”.

As placas de xisto são, aliás, um dos tipos de artefactos, para o qual Manuel Heleno utiliza sistematicamente um termo pouco usual: o “chapão”. Foi, certamente influência recebida de Leite de Vasconcelos, que o usa pontualmente, nomeadamente no texto em publicações trabalhos em que Manuel Heleno participou (Vasconcelos, 1923: 169). No entanto, Leite de Vasconcelos usou, em textos mais antigos, a designação “placa de lousa ou de xisto”, no que foi seguido por Vergílio Correia.

COD	DESIGNAÇÃO	DATA ESCAVAÇÃO
A	Paço – A	04/09/10/11/1931;09/11/1933; 05/1934
B	Paço – B	04/1931; 10/1933
C	Paço – C	21/04/1931
D	Paço – D	04/1931
E	Casarões do Zambujeiro	04/1931
F	Comenda do Coelho/Casa Velha	04/1931
G	Velada	04/1931
H	Tapada	03/07/1931
I	Pequena da Comenda da Igreja	04/05/1931
J	Grande da Comenda da Igreja	05/05/1931; 09/1934; 14/06/1939
L	Curral da Antinha	08/05/1931
M	Comendinha	09/05/1931
N	Sul de Vale de Gato	01/10/1931
O	Norte de Vale de Gato	07/10/1931;05/1934
P	Chapelar	10/09/1931
Q	Várzeas	14/09/1931;09/1934
R	Vale de Carros	18/09/1931
S	Tanque do Romão	09/1931
T	Pimpolho ou Arneiro das Pedras	21/09/1931
U	Arneiro Pinhais – Arneiros de Cima	25/09/1931
V	Vale do Pereiro	26/10/1931
X	Tanque Velho	27/10/1931;11/1931
Z	Oeste da Estrada de Montemor	28/10/1931;11/1931
AB	Leste estrada de Montemor	29/10/1931;11/1931
AC	Vale do Beiró (Água Doce)	29/10/1931;05/1934
AD	Pequena Caminho Fanica (Água Doce)	31/10/1931
AE	Grande Caminho Fanica (Água Doce)	10/1931
AF	Curral da Mosca	11/1931
AG	Antinha da estrada de Montemor	11/1931
AH	Vale do Cordeiro	11/1931
AI	Mouchão das Azinheiras	11/1931
AJ	Vale Cancelas – Herdade Pinheiro	11/1931
AL	Cabeço da Areia	21/08/1933
AM	Sepulturas do Barranco da Fraga	21/08/1933
AN	Extrema Paço com Herdade de Cima	25/08/1933
AO	Oliveira da Cruz (Comenda Igreja)	21/08/1933
AP	Vale do Freixo	29/08/1933
AQ	Monte de Cima	30/08/1933
AR	Estanque	11/09/1933
AS	2ª da Tapada ou Casa dos Mouros	09/1933

AT	2ª do Vale do Freixo	22/09/1933
AU	Pardilheiro - Comenda Coelho	09/1933
AV	Torre do Franco	09/1933
AX	Cabeço da Rainha	25/09/1933
AZ	Poço da Freguesia	09/1933
BB	2ª de S. Geraldo - Poço Freguesia	28/09/1933
BC	Barrada	28/09/1933
BD	Pasmaceira	29/09/1933
BE	3ª do Poço de S. Geraldo	02/10/1933
BF	Mó	10/1933
BG	Horta do Teixeira	10/1933
BH	Penedo do Bispo	02/10/1933
BI	Casas de Baixo	05/10/1933;15/10/1933
BJ	2ª das Casas de Baixo	15/10/1933
BL	3ª das Casas de Baixo	15/10/1933
BM	Sepultura anexa à mesma	15/10/1933
BN	Sepulturas do Paço	10/1933
BO	1ª da Aldeia dos Bertandos	22/10/1933
BP	2ª da Aldeia dos Bertandos	24/10/1933
BQ	3ª da Aldeia dos Bertandos	25/10/1933
BR	4ª da Aldeia dos Bertandos	10/1933
BS	5ª da Aldeia dos Bertandos	10/1933
BT	6ª da Aldeia dos Bertandos	10/1933
BU	1ª da Guarita - Azinhal	30/10/1933
BV	2ª da Guarita - Azinhal	10/1933
BX	Roça de Linhares	10/1933
BZ	Outeiro de Santa Clara	02/11/1933
CC	Seixinho	04/11/1933
CD	Aldeinha	05/11/1993
CE	2ª do Zambujeiro (Paço)	11/1933
CF	3ª do Zambujeiro	11/1933
CG	4ª do Zambujeiro	11/1933
CH	1ª da Lobeira (?) de Baixo	14/11/1933
CI	2ª da Lobeira de Baixo	14/11/1933
CJ	3ª da Lobeira de Baixo	1933
CL	Salto do Lobo	11/1933
CM	Rouco (?), Lobeira de Baixo	09/1934
CN	2ª da Estrada Lavre à Lobeira Cima	1933
CO	Chão de Cabana (Lobeira de Baixo)	1933
CP	Vale de Covas	29/03/1934
CQ	Barradinha	26/04/1934
CR	Pequena do Moínho da Tapada	18/04/1934
CS	Barrocaes (Comenda da Igreja)	24/04/1933
CT	Tanque do Monte	03/1934
CU	2ª do Mouchão Azinheiras - Azinhal	03/1934
CV	1ª Lobeira de Cima	09/1934
CX	2ª Lobeira de Cima	09/1934
CZ	3ª Lobeira de Cima (Rouco)	09/1934
DE	Pego da Regina	09/1934
DF	1ª Antas	09/1934
DG	1ª Herdade Baixo	09/1934
DH	2ª Antas	09/1934

DI	3ª Antas	09/1934
DJ	4ª Antas	09/1934
DL	Lobeira de Baixo	09/1934
DM	1ª do Garcia	09/1934
DN	2ª do Garcia	09/1934
DO	Sepulturas da Freixeirinha	09/1934
DO	1ª dos Varelas	09/1934
DP	2ª dos Varelas	11/1934
DQ	Rabaçal	11/1934
DR	1ª dos Besteiros	11/1934
DS	2ª dos Besteiros	11/1934
DT	1ª de Batepé	04/1931;15/04/1935
DU	2ª de Batepé	04/1931;17/04/1935
DV	3ª de Batepé	04/1931; 22/04/1935
DX	Carvalho	04/1935
DY	Barrocalinho	25/04/1935
DZ	1ª Nabos	26/04/1935
EE	2ª Nabos	29/04/1935
EF	Monte das Pedras	04/1935
EG	1ª da Represa	04/1935
EH	2ª da Represa	04/1935
EI	3ª do Barrocal das Freiras	04/1935
EJ	4ª do Barrocal das Freiras	05-06/1935;08/02/1938
EK	5ª do Barrocal das Freiras	05-06/1935
EL	6ª do Barrocal das Freiras	05-06/1935
EM	7ª do Barrocal das Freiras	05-06/1935
EN	Campas do Barrocal	05-06/1935
EO	1ª da Atalaia	05-06/1935
EP	1ª do Deserto	05-06/1935
EQ	2ª do Deserto	09/10/1936
ER	3ª do Deserto	09/10/1936
ES	4ª do Deserto	09/10/1936
ET	5ª do Deserto	09/10/1936
EU	6ª do Deserto	09/10/1936
EV	Espragal	09/10/1936
EX	1ª da Amendoeira	09/10/1936
EY	2ª da Amendoeira	09/10/1936
EZ	1ª do Vidigal	09-10/1936
FG	2ª do Vidigal	09/10/1936
FH	3ª do Vidigal	09-10/1936
FI	4ª do Vidigal	09-10/1936
FJ	5ª do Vidigal	09/10/1936
FK	3ª de Besteiros	09-10/1937
FL	4ª de Besteiros	09-10/1937
FM	5ª de Besteiros	09-10/1937
FN	6ª de Besteiros	09-10/1937
FO	7ª de Besteiros	09-10/1937
FP	8ª de Besteiros	09-10/1937
FQ	9ª de Besteiros	09-10/1937
FR	Carvalho	09-10/1937
FS	1ª do Peral	09-10/1937
FT	2ª do Peral	09-10/1937

FU	5ª do Peral	09-10/1937
FV	6ª do Peral	09-10/1937
FX	1ª da Courela dos Fretes	09-10/1937
FY	2ª da Courela dos Fretes	09/10/1937
FZ	1ª de Santa Cruz	09-10/1937
GH	2ª de Santa Cruz	09-10/1937; 02-05/1938
GI	3ª de Santa Cruz	09-10/1937
GJ	4ª de Santa Cruz	09-10/1937
GK	1ª da Cabeceira	09-10/1937
GL	2ª da Cabeceira	09-10/1937
GM	3ª da Cabeceira	09-10/1937
GN	4ª da Cabeceira	09-10/1937
GO	5ª da Cabeceira	09-10/1937
GP	1ª dos Barros do Grou	09-10/1937
GQ	2ª dos Barros do Grou	09-10/1937
GR	6ª da Cabeceira	09-10/1937
GS	6ª do Vidigal	02-05/1938
GT	7ª do Vidigal (Cabeço do Mouro)	02-05/1938
GU	7ª do Deserto	02-05/1938
GV	8ª do Deserto	02-05/1938
GX	9ª do Deserto	02-05/1938
GY	11ª do Deserto	02-05/1938
GZ	12ª do Deserto	02/1938?
II	13ª do Deserto	02/1938?
IJ	14ª do Deserto	02/1938?
IK	15ª do Deserto	02/1938?
IL	16ª do Deserto	02/1938?
IM	8ª do Barrocal das Freiras	02-05/1938
IN	2ª Herdade de Baixo	02-05/1938
IO	5ª Santa Cruz (Morena)	02-05/1938
IP	1ª Olheiros	02-05/1938
IQ	2ª Olheiros	02-05/1938
IR	1ª Águias	02-05/1938
IS	2ª de Brissos	02-05/1938
IT	1ª de Brissos	02/1938?
IU	3ª de Brissos	02/1938?
IV	5ª de Brissos	02/1938?
IX	6ª de Brissos	02/1938?
IY	7ª de Brissos	02/1938?
IZ	Fundo Cabana Brissos	02-05/1938
JJ	Porto de Aviz de Baixo	02/1938?
JK	Courela do Moinho	02/1938?
JL	Cabeça Gorda	02/1938?
JM	1ª da Mata	02-05/1938
JN	1ª de Alcarou	02-05/1938
JO	2ª de Alcarou	02-05/1938
JP	3ª de Alcarou	02-05/1938
JQ	19ª do Deserto	02-05/1938
JR	20ª do Deserto	02-05/1938
JS	21ª do Deserto	02-05/1938
JT	22ª do Deserto	02-05/1938
JU	1ª dos Testos	03-06/1939

JV	2ª dos Testos	03-06/1939
JX	3ª dos Testos	03-06/1939
JY	4ª dos Testos	03-06/1939
JZ	1ª dos Gualões	03-06/1939
KL	2ª dos Gualões	03-06/1939
KM	3ª dos Gualões	03-06/1939
KN	4ª dos Gualões	03-06/1939
KO	Fuletreira/ Filtreira	1939
KP	Zambujo	1939
KQ	1ª da Courela	1939
KR	2ª da Courela	1939
KS	3ª da Courela	1939
KT	4ª da Courela	1939
KU	Freixa	1939
KV	1ª das Picanças	1939
KX	2ª das Picanças	1939
KY	3ª das Picanças	1939
KZ	Serrinha	1939
LM	Agrual	1939
LN	Almargem	1939
LO	Chaminé	1939
	1ª da Eira	1923
	2ª da Eira	1923
	3ª da Eira	1923
	4ª da Eira	30-31/4/ 1923
	5ª da Eira	1923
	6ª da Eira	1923
	7ª da Eira	1923
	Herdade do Cavaleiro	1923
	Ferragial do Monte	1923
	Talha 1	12/07/1930
	Marmeleira/Melroeira 1/3	04/1931
	Foro das Passadeiras/Casas Canal 2	04/1931
	Casas Canal 6/Corticeira	04/1931
	Casas Canal 5	04/1931
	Casas Canal 4	04/1931
	Casas Canal 3	04/1931
	Penedos	04/1931
	Entre Águas	1945
	Cotovieira/Foro Ferreiro	04/1931
	Carneiro/Colmeiro dos Bois	04/1931
	Outra anta do Peso	1931
	Cabeço da Gorda	1931
	1ª Soldos	1933
	1ª Zambujeiro	1933
	Chão Cabana Lobeira Baixo 2	1933
	3ª Guarita	10/1933
	4ª Guarita	10/1933
	Sepultura Lobeira	1933
	Castelinhos Stª Cruz/Fundo cab.Conventinho	21/11/1933
	Castro Cavaleiro/ Cabeço Alfavaqueira	1933
	Menir de Bertandos	1933

Almoíñas	1933
Pedra da Chave dos Namorados	1933
Santuário Pedras Furadas	1933
Santuário do Pego do Mourão	1933
Santuário das Rapozeiras	1933
Covas do Bufo	1933
Penedo Medronheiro	1933
Menir S. Geraldo	1933
Freixo	05/1934
Sepulturas S. Bento Cortiço	07/1934
Caldeireira	07/1934
Oiteirões 1 (Olho Gato)	07/1934
Talha 2	07/1934
Talha 3	07/1934
Courela da Anta	01/08/1934
N.Sª Conceição Olivais	10/09/1934
Mal Dorme	18/09/1934
Lebre	20/09/1934
Oiteirões 2	27/09/1934
Oiteirões 3	29/09/1934
Curral do Castelo	09/1934
Cascalho (Eira)	02/10/1934
Espadanal	04/10/1934
Casas Canal 1/Fonte Taraus	1934
Caravelinha	11/1934
10ª de Besteiros	11/1934
Lusos	04/1935
3ª Repreza	04/1935
1ª do Barrocal das Freiras	1935
2ª do Barrocal das Freiras	1935
2ª Atalaia	05-06/1935
Povoado S. Bento	09-10/1937
3ª Peral	09-10/1937
4ª Peral	09-10/1937
7ª Cabeceira	09-10/1937
Herdade de Cima	02-05/1938
10ª do Deserto	02-05/1938
23ª do Deserto	02-05/1938
4ª Brissos	02-05/1938
Comenda Igreja	02-05/1938
18ª do Deserto	02-05/1938
17ª do Deserto	02-05/1938
Chão Cabana Sobreira	02-05/1938
Herdade Antas	1945
Castelo Velho	1945
Cabeças	29/10-23/11/1945
Qta Vidigueira	1945
Montinho	1945
Rosmanihal/Resmunhal	1945
Barrocal Degebe	1945
Chainha	1945

Quadro 5.1. Cronologia das intervenções